

A Democratização dos Esportes de Raquetes na Educação Física Escolar: Um Olhar Teórico sobre Desafios e Possibilidades

ALMEIDA, Natanaél dos Santos de, Universidade Federal de Santa Maria,

almeida.natanael.12@gmail.com

ROCKENBACH, Max Pacheco, Universidade Federal de Santa Maria,

max.pacheco@acad.ufsm.br

NEU, Adriana Flávia, Universidade Federal de Santa Maria, adriananeu09@gmail.com

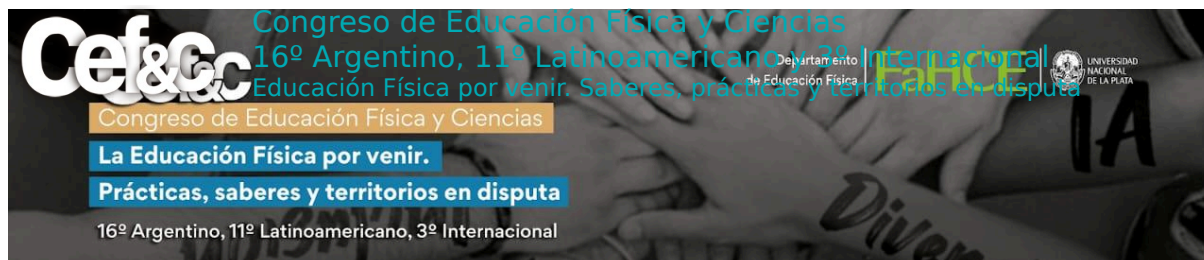
RIBAS, João Francisco Magno, Universidade Federal de Santa Maria,

joao-francisco.magno-ribas@ufsm.br

Resumo

A Educação Física escolar enfrenta o desafio de oferecer um currículo diversificado e inclusivo. Contudo, a predominância de esportes coletivos e a histórica percepção de modalidades como os esportes de raquetes (tênis de mesa, badminton, tênis, padel) como elitistas, criam barreiras de acesso para a maioria dos estudantes. Este trabalho se propõe a discutir teoricamente a importância de incluir os esportes de raquetes no currículo da Educação Física, abordando os desafios estruturais e materiais, bem como o potencial dessas práticas para a democratização do acesso à cultura corporal. A partir de uma abordagem pedagógica crítica e da análise de literatura sobre o tema, argumenta-se que, apesar das dificuldades, a implementação de metodologias adaptadas e criativas é essencial para desmistificar o caráter elitista desses esportes e torná-los acessíveis a todos os alunos. O objetivo é demonstrar que a escola pode ser um espaço de superação de desigualdades, transformando o ensino de esportes de raquetes em uma ferramenta para a inclusão social, promovendo a aquisição de novas habilidades e a valorização de uma cultura corporal mais ampla e plural.

Palavras-chave: Esportes de Raquetes, Educação Física, Inclusão Social, Currículo, Democratização



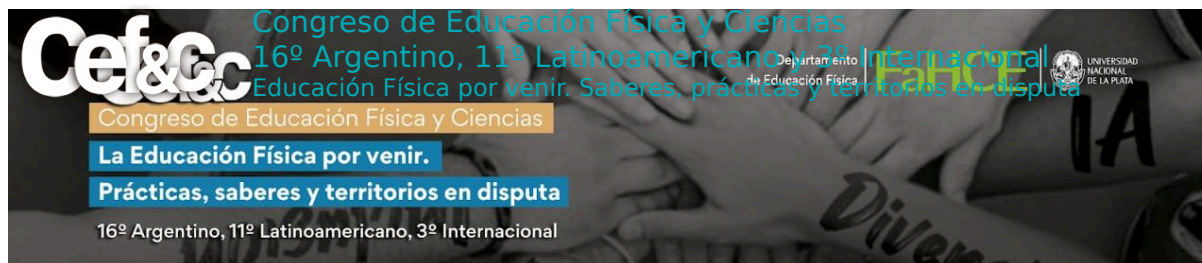
1. O Contexto da Educação Física Escolar e a Cultura Corporal

Historicamente, a Educação Física no Brasil esteve atrelada a diferentes objetivos, desde a formação moral e cívica até a preparação para o esporte de alto rendimento. Mais recentemente, com a emergência de abordagens pedagógicas críticas, a disciplina passou a ser vista como um campo de conhecimento que deve problematizar a cultura corporal e suas relações com a sociedade. No entanto, mesmo com essa evolução teórica, a prática nas escolas públicas muitas vezes se mantém limitada aos "cinco esportes" mais comuns (futebol, basquete, handebol, vôlei e futsal), criando o que alguns autores chamam de uma "monocultura esportiva". Essa limitação priva os alunos da possibilidade de vivenciar e se apropriar de uma diversidade de saberes e práticas corporais que são parte intrínseca da cultura humana.

Diante desse cenário, este trabalho de caráter teórico investiga essa problemática, analisando o potencial pedagógico dos esportes de raquetes e os desafios inerentes à sua inserção em escolas públicas. Busca-se construir um argumento que justifique a importância de democratizar o acesso a essas práticas, não apenas pelo seu valor técnico e motor, mas também como um meio de promover a inclusão social e a valorização de saberes e habilidades que, de outra forma, ficariam restritos a grupos privilegiados. O objetivo é demonstrar, através de um relato de experiência, que a escola pode ser um espaço de superação de desigualdades, transformando o ensino de esportes de raquetes em uma ferramenta para a inclusão social, promovendo a aquisição de novas habilidades e a valorização de uma cultura corporal mais ampla e plural.

2. Bases para uma Educação Física Crítico-Superadora

Com o objetivo definido, na sequência deste texto serão trazidos à tela alguns elementos relevantes para a construção de uma Educação Física na perspectiva crítica, colaborando com a construção argumentativa do tema. Assim, nos baseamos nas contribuições de autores que defendem uma práxis pedagógica comprometida com a transformação social, utilizando o esporte como ferramenta de conscientização e emancipação dos sujeitos.

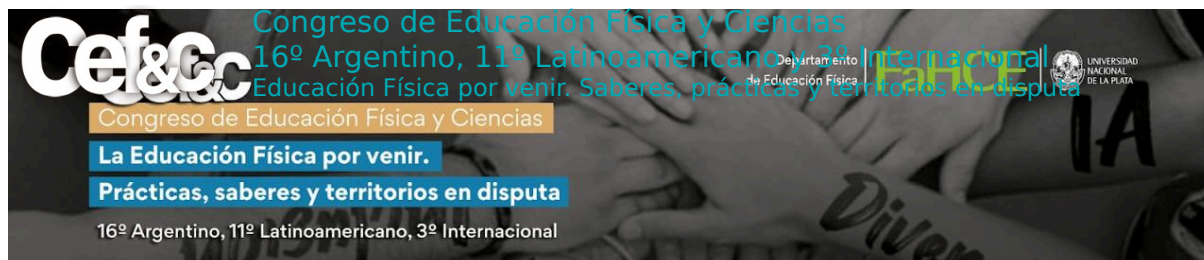


2.1. O Esporte como Fenômeno Social e Cultural (Valter Bracht)

Valter Bracht (1997) traz a noção de que a Educação Física deve ser um espaço de "aprendizagem social". Em sua obra, ele argumenta que o esporte não é apenas um fenômeno motor, mas um fenômeno social e cultural que deve ser criticamente problematizado na escola. Essa abordagem vai além da simples repetição de movimentos e do foco na técnica, permitindo que o professor conduza o aluno a uma reflexão sobre as dinâmicas sociais do esporte, como a elitização, o acesso restrito a certas modalidades e os interesses econômicos envolvidos. A partir de sua visão, o esporte de raquetes, por exemplo, deixa de ser apenas uma atividade de lazer para se tornar um objeto de análise, onde os alunos podem desconstruir a ideia de que são “esportes de elite” e entender como eles são, na verdade, produtos de uma cultura que podem e devem ser ressignificados e democratizados. Além disso, a obra de Bracht (1997), destaca a importância do papel do professor como um mediador do conhecimento, utilizando a prática esportiva como um ponto de partida para a construção de uma consciência social crítica. Aulas que exploram as regras, a história e os valores implícitos nos esportes de raquetes, por exemplo, capacitam os alunos a questionarem por que certas modalidades são mais valorizadas do que outras, contribuindo para a sua formação como cidadãos críticos e conscientes.

2.2. A Formação Holística e a Educação de Corpo Inteiro (João Batista Freire)

Além do pensamento crítico, a inclusão de novas modalidades também contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral do aluno. João Batista Freire (2010), com sua obra “Educação de corpo inteiro”, defende que a disciplina deve promover uma formação holística, que englobe as dimensões motora, cognitiva, social e afetiva do ser humano. Nesse sentido, o ensino dos esportes de raquetes se mostra particularmente eficaz. Do ponto de vista da dimensão motora, as atividades não se limitam a aprimorar a força e a resistência, mas exigem um refinamento da coordenação óculo-manual, agilidade, equilíbrio dinâmico e reflexos rápidos, habilidades que são cruciais para a vida cotidiana e outras práticas esportivas. Na dimensão cognitiva, a tomada de decisões rápidas e o raciocínio estratégico

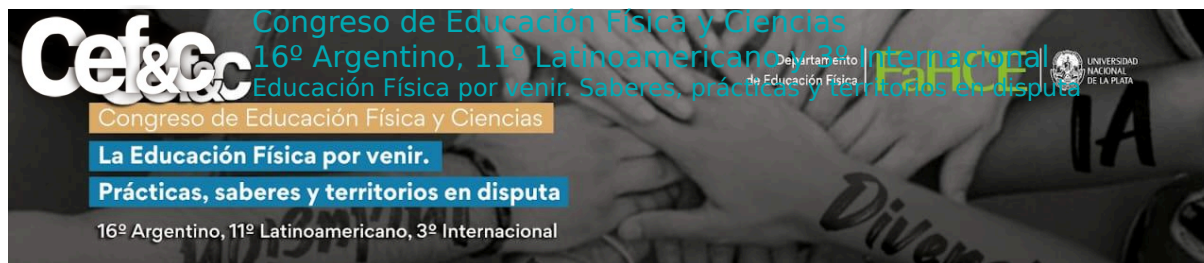


são constantemente desafiados, pois os alunos precisam analisar a posição do adversário, antecipar trajetórias e planejar o próximo movimento em tempo real.

A dimensão social é desenvolvida por meio da cooperação e da comunicação, especialmente em modalidades de duplas como o padel ou o badminton. Os alunos aprendem a trabalhar em equipe, a construir confiança e a se comunicar de forma eficaz para alcançar um objetivo comum. Por fim, a dimensão afetiva é fortalecida pela superação de desafios e o controle das emoções. A natureza individual de grande parte desses esportes força o aluno a lidar com a frustração, a resiliência e a autoconfiança, habilidades essenciais para a formação do caráter. Freire (2010), argumenta que a Educação Física deve ir além da mera repetição de gestos e atuar como um processo educativo que capacita o aluno de forma integral, preparando-o não apenas para o esporte, mas para a vida em sociedade.

2.3. A Democratização da Cultura Corporal (Silva & Silva)

Ao democratizar o acesso a práticas como os esportes de raquetes, a escola cumpre um papel fundamental na ampliação e na justiça da cultura corporal. Como discutem Silva e Silva (2008), o lazer é um direito social, e a Educação Física, mais do que uma disciplina, atua como um agente ativo na desmistificação do caráter elitista de certas atividades, tornando-as acessíveis e tangíveis para todos. A escola se torna o principal e, muitas vezes, o único espaço onde o aluno pode vivenciar e se apropriar de novas manifestações corporais que, de outra forma, estariam restritas a uma pequena parcela da população. Ao levar os esportes de raquetes para a escola pública, estamos, na prática, combatendo a reprodução de desigualdades sociais, garantindo que o acesso à cultura corporal não seja um privilégio, mas um direito de todos. Essa ação educativa contribui diretamente para a democratização do conhecimento e da prática, rompendo com as barreiras sociais e culturais que historicamente negligenciaram e subalternizaram certas modalidades. Essa democratização não é apenas um ato de ensino, mas um ato político-pedagógico que desafia a percepção de que certas habilidades e práticas são inerentes a uma classe social, fortalecendo a ideia de que a cultura é um patrimônio coletivo a ser compartilhado.



2.4. A Abordagem Crítico-Superadora: Teoria e Prática para Transformação Social (Coletivo de Autores)

A Abordagem Crítico-Superadora, proposta por um Coletivo de Autores (1992), oferece a base teórica para essa ação pedagógica, compreendendo a Educação Física como uma área do conhecimento que deve intervir na realidade social. Essa abordagem utiliza a “cultura corporal de movimento” para superar as desigualdades sociais. Segundo essa perspectiva, o esporte não é um fenômeno neutro, pois reflete as contradições inerentes à sociedade. Desta forma, a Educação Física se torna um campo de embates e disputas de classes, onde o professor, ao ensinar os esportes de raquetes, pode e deve usar a prática como um meio para problematizar a falta de acesso, a elitização e a mercantilização do esporte, capacitando o aluno a se tornar um agente de transformação social.

A escolha de uma abordagem pedagógica é crucial, especialmente em um contexto de democratização e diante da visível divisão de classes e suas lutas. A Abordagem Crítico-Superadora é um guia didático e pedagógico que se alinha com os interesses da classe trabalhadora (Cunha et al., 2019), pois busca não apenas o ensino de habilidades, mas a conscientização sobre as barreiras sociais que envolvem o esporte e as possíveis transposições dessas barreiras. A cultura corporal de movimento, sob essa ótica, é o conteúdo a ser decodificado e ressignificado pelos estudantes.

No contexto da experiência aqui apresentada, essa abordagem foi o guia para a elaboração de planos de aula que buscavam não apenas o ensino de habilidades, mas a conscientização sobre as barreiras sociais que envolvem o esporte e possíveis transposições dessas barreiras. A prática de utilizar materiais alternativos, por exemplo, não foi apenas uma solução para a falta de recursos, mas uma ação pedagógica intencional que demonstrou na prática que a essência do jogo não reside na posse de um equipamento caro, mas na interação social e na criatividade. Essa práxis, diretamente derivada da teoria Crítico-Superadora, capacita o aluno a questionar a lógica neoliberal que busca transformar o esporte em mercadoria, tornando-o inacessível para a maioria.

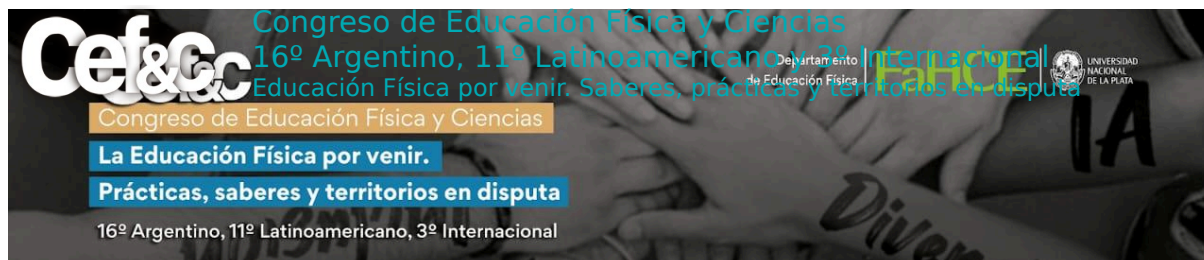
3. Metodologia

Este trabalho se configura como um relato de experiência, gênero acadêmico-científico que permite a sistematização e a análise de uma intervenção prática a partir de uma base teórica (Cristovão & Almeida, 2021). Em sua essência, ele descreve e reflete sobre a experiência de Estágio Supervisionado nos Anos Finais do Ensino Fundamental, realizado em uma escola pública municipal de Santa Maria/RS. A partir da descrição e análise detalhada da intervenção pedagógica, este relato busca articular a teoria estudada com a prática vivenciada, contribuindo para a compreensão do potencial pedagógico dos esportes de raquetes e os desafios inerentes à sua inserção em escolas públicas.

A experiência foi desenvolvida em uma escola pública, com turmas do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. O período de estágio ocorreu de agosto a novembro de 2023, e a ação pedagógica foi centrada no ensino de diferentes esportes de raquetes, incluindo tênis de mesa, badminton, tênis e padel. A escolha desses conteúdos foi intencional, visando a democratização do acesso a essas modalidades e a discussão sobre o seu caráter social.

A abordagem pedagógica adotada foi a Crítico-Superadora, que serviu como norte para a elaboração dos planos de aula e para a condução das atividades. Através dela, buscou-se não apenas ensinar as técnicas e as regras, mas também problematizar as dinâmicas sociais do esporte, como a elitização e a falta de acesso a materiais. As atividades foram adaptadas para o contexto escolar, utilizando materiais alternativos sempre que possível. Essas adaptações não apenas contornou a falta de recursos, mas também incentivou a criatividade dos alunos e a reflexão sobre como o esporte pode ser acessível, independentemente do material.

A coleta de dados para este relato foi realizada por meio de observação participante e de um diário de campo. A observação participante é uma técnica de coleta de dados em que o pesquisador, além de observar a realidade, se insere e interage com o contexto social investigado para compreendê-lo em profundidade (Minayo, 2008). Nesse diário, foram registrados detalhadamente os planos de aula, as interações com os alunos, os desafios encontrados, as adaptações realizadas e as reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem. A análise desses registros foi de natureza qualitativa, focando na interpretação crítica da experiência e na sua relação com a fundamentação teórica.



4. Os esportes com raquetes como conteúdo da Educação Física escolar

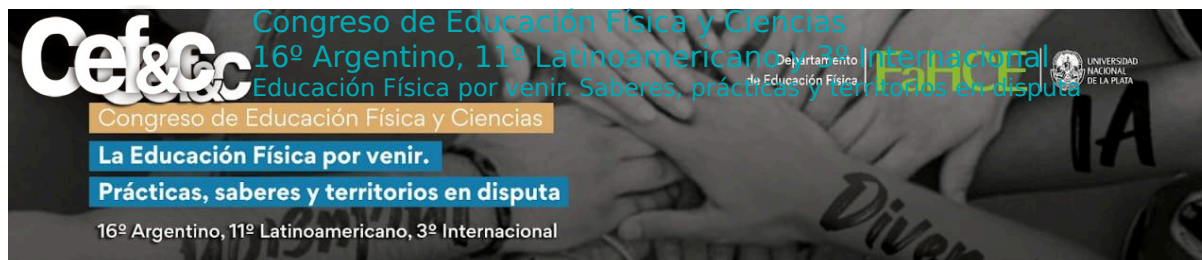
O currículo da Educação Física escolar, em sua essência, tem a responsabilidade de apresentar aos alunos um leque abrangente de manifestações da cultura corporal, indo além das modalidades esportivas mais populares. No entanto, a realidade muitas vezes impõe barreiras significativas. O acesso e o ensino de certas práticas, como os esportes de raquetes, por exemplo, permanecem restritos devido a fatores como a falta de infraestrutura, materiais adequados e o estigma de serem atividades elitizadas. Essa situação gera uma contradição flagrante: enquanto a escola busca ser um ambiente de igualdade e inclusão, a seleção dos conteúdos da Educação Física pode, inadvertidamente, reforçar as desigualdades sociais e a reprodução de padrões sociais já existentes.

Ainda que os esportes mais tradicionais – como o vôlei e o basquete – naturalmente mais trabalhados no ambiente escolar, possibilitem o desenvolvimento do aluno em aspectos físicos, motores e sociais, quando sistematizados de forma propícia (Corrêa et al., 2019), a limitação a essas modalidades empobrece o repertório de experiências dos estudantes. Torna-se imperativo, portanto, superar a homogeneidade curricular e buscar a diversificação.

A importância de ofertar diferentes modalidades físicas no âmbito escolar vai além da simples ampliação do repertório motor. Ela possibilita que, através das aulas, os alunos se tornem capazes de entender a elitização de certas práticas e a dificuldade de realização das mesmas em relação ao acesso de espaços e materiais. Ao debater essas questões em sala de aula, o professor de Educação Física assume o papel de mediador de um processo crítico, que leva o aluno a refletir sobre as barreiras que limitam o acesso a certas práticas e, assim, contribui diretamente para o desenvolvimento de seu pensamento crítico.

A escola, ao abordar a inacessibilidade de determinadas modalidades, se torna um espaço de conscientização, onde a prática da cultura corporal não é vista como algo isolado da sociedade, mas sim como um campo de análise e intervenção. Dessa forma, a Educação Física se fortalece como uma disciplina que não apenas ensina a "fazer", mas também a "pensar" e a "questionar", promovendo uma formação mais completa e socialmente consciente.

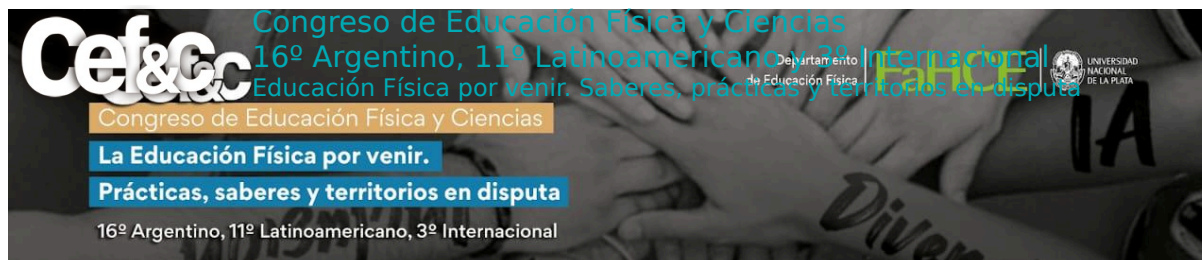
5. Reflexões sobre a Práxis e a Democratização da Cultura Corporal



A realização deste texto permitiu constatar a importância da inclusão dos esportes de raquetes no currículo da Educação Física escolar, uma vez que estas práticas se mostraram de grande relevância no desenvolvimento de habilidades e, principalmente, na promoção da inclusão social. A experiência em sala de aula demonstrou que, apesar dos desafios estruturais, o interesse e a participação dos alunos foram expressivos. Eles próprios relataram que, antes, acreditavam que esses esportes eram restritos àqueles com condições financeiras para frequentar clubes, o que validou a premissa deste estudo sobre a elitização da cultura corporal. Como enfatizam Guioti, Toledo e Scaglia (2014), "a prática dos esportes de raquetes ainda parece ser inexistente em diferentes instituições brasileiras de ensino" (p.357). Dita prática mostrou o quão fundamental é quebrar essa barreira, provando que é possível e necessário levar essa cultura para o ambiente escolar.

Nesse sentido, a experiência representou um grande desafio. A falta de aprofundamento sobre os esportes de raquetes na formação inicial demandou estudo e uma preparação extra, o que acaba forçando o ser criativo e a adaptação de atividades para lidar com a escassez de materiais e a infraestrutura limitada. Essa superação, no entanto, reforçou a percepção de que a busca por novos conhecimentos é uma constante na profissão docente e que a teoria pedagógica, quando aliada à flexibilidade e à dedicação, é capaz de transformar a realidade e democratizar o acesso a conteúdos que de outra forma seriam negligenciados. Isso, na verdade, ressoa com o pensamento de Saviani (2010), que, em sua obra, define a educação como "o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (p.6).

O interesse despertado nos alunos por essas modalidades, que chegaram a pedir a realização de uma intersérie de esportes de raquetes, é a maior evidência do potencial transformador do trabalho enquanto professores, tanto no desenvolvimento de habilidades quanto na ampliação do direito ao lazer (Silva & Silva, 2008), quebrando a percepção de elitismo e reforçando a Abordagem Crítico-Superadora. Concordando com Correa, Freitas e Silva (2019), "as atividades propostas nas aulas necessitam incluir novas experiências esportivas, maximizando os alcances dos conteúdos da cultura corporal através dos esportes" (p. 310)



A vivência do estágio confirmou que a abordagem crítico-superadora não é apenas um arcabouço teórico, mas uma ferramenta prática para a intervenção educativa. Ao problematizar a realidade dos alunos, como a dificuldade de acesso a certas práticas corporais, o professor se torna um mediador do conhecimento que capacita os estudantes a agir e a refletir sobre sua própria vida (Coletivo de Autores, 1992). O fato de os alunos se tornarem agentes do processo, solicitando a intersérie de esportes de raquetes, demonstra que a "humanidade" de que fala Saviani foi produzida e manifestada, ou seja, eles se apropriaram criticamente de um novo conhecimento e buscaram ativamente expandi-lo em seu contexto. Isso significa que o processo de ensino-aprendizagem não foi passivo, mas uma construção coletiva que resultou em uma nova percepção da cultura corporal, transformando o que era visto como elitista em algo acessível e desejado.

6. Considerações Finais

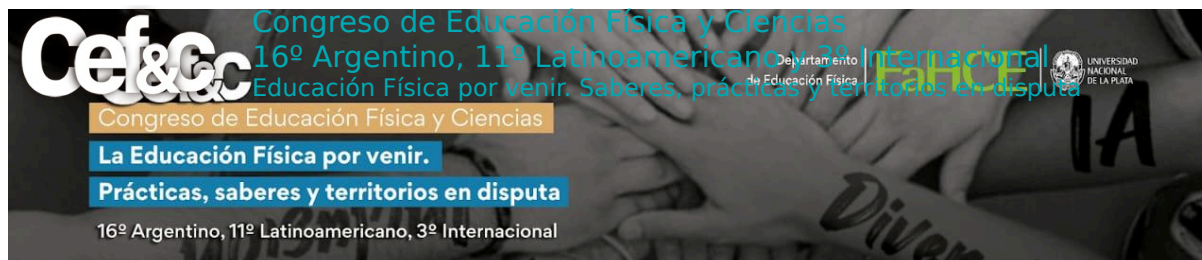
Apesar das limitações materiais da escola, a experiência mostrou que a criatividade e a adaptação do professor são cruciais para o sucesso da aula. O uso de materiais alternativos não apenas permitiu a prática, mas também estimulou a criatividade e a reflexão sobre a essência do jogo, que reside não no equipamento caro, mas na interação e na cooperação entre os participantes.

Em suma, este trabalho reforça a tese de que a Educação Física escolar tem o potencial de ir além do ensino de habilidades motoras, atuando como uma ferramenta para a inclusão social e para a formação de um indivíduo crítico e consciente de seu papel na sociedade. A democratização dos esportes de raquetes na escola pública é um pequeno, mas significativo, passo para quebrar barreiras e tornar a cultura corporal um patrimônio de todos, e não apenas de uma minoria privilegiada.

Referências

BRACHT, V. (1997). Educação Física e Aprendizagem Social. Porto Alegre: Editora Magister.

COLETIVO DE AUTORES. (1992). Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez.



CORRÊA, M. M. L.; FREITAS, T. C. R.; SILVA, S. A. da. (2019). O ensino dos esportes de raquete no ambiente escolar. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(1), 309–316.

Disponível em:

<https://www.repositorio.ufop.br/bitstreams/1326715f-36b7-466d-b975-4228ef12e448/download>

CRISTOVÃO, V. L. S.; ALMEIDA, G. P. (2021). Gêneros textuais acadêmico-científicos: uma proposta de categorização. *Educação e Sociedade*, 42, e211586. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=https://www.scielo.br/j/es/a/cK7J4f4k9s8pT6K9Qc3M5wS/>

Cunha, S. S., Cunha, A. F. A., Santos, A. K., & Oliveira, J. B. (2019). O ensino do voleibol no contexto escolar. In H. S. Ferreira (Org.), *Abordagens da educação física escolar: da teoria à prática* (pp. 115-135). Editora da UECE.

FREIRE, J. B. (2010). Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione.

GUIOTI T, TOLEDO E, SCAGLIA A. (2014). Esportes de raquetes para deficientes intelectuais leves: uma proposta fundamentada na pedagogia do esporte. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(3), 357-370. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/HrMmBJjP53QkqQDn5KnWCbf/>

LANNES, M. de. (2007). O tênis de campo e a educação física escolar. Universidade Federal do Paraná.

MINAYO, M. C. de S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec.

SAVIANI, D. (2010). *Pedagogia Histórico-Crítica*. 14 Edição Revista. Campinas: Autores Associados.

SILVA, Cinthia Lopes da SILVA, Tatyane Perna. (2008). *Lazer e Educação física: textos didáticos para a formação de profissionais do lazer*. Campinas: Papirus.